



# SERNEGRA

XII SEMANA DE REFLEXÕES SOBRE NEGRITUDE, GÊNERO  
E RAÇA DOS INSTITUTOS FEDERAIS (SERNEGRA) &  
SEMINÁRIO DE EDUCAÇÃO DAS RELAÇÕES ÉTNICO-RACIAIS  
PARA A EDUCAÇÃO BÁSICA.

## HISTÓRIAS, VIDAS E PERCURSOS DE MULHERES NEGRAS: UM RELATO DE EXPERIÊNCIA DA PESQUISA DE CAMPO

Daniele dos Santos Silva <sup>1</sup>

### RESUMO

O presente artigo apresenta os trajetos percorridos em uma pesquisa de campo que contempla: As trajetórias de vida de mulheres negras e idosas, a partir de suas narrativas e histórias. O trabalho foi pré-requisito para a obtenção do título de licenciada no curso de sociologia pela Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira – UNILAB. A pesquisa teve como objetivo compreender sobre os processos de envelhecimento e as percepções acerca da velhice, a partir de entrevistas com quatro mulheres autodeclaradas negras. A pesquisa foi desenvolvida tendo como suporte metodológico a obra “Os Retratos Sociológicos: Disposições e Variações Individuais”, do sociólogo Bernard Lahire (2004), na qual o autor busca compreender o meio social a partir da singularidade de cada ser e suas narrativas de vida. Assim, o método de história de vida buscou apreender as correlações entre as trajetórias particulares e trajetórias sociais, dando ênfase a como os próprios sujeitos narram e constroem suas subjetividades; e como tais relatos, aparentemente pessoais, se relacionam com os fatos do mundo social. Por fim, os relatos colhidos foram pontos de partida para compreender a velhice experienciada pelas sujeitas, trazendo para debate questões próprias vivenciadas pelo grupo em questão, somado a isto, os relatos enunciaram as contribuições que tais sujeitas exercem nas estruturas familiares e sociais e que mesmo na velhice continuam a contribuir para o bem-estar.

**Palavras-chave:** Relato de experiência; Pesquisa de campo; Trajetórias de vida; Envelhecimento; Mulheres Negras.

### INTRODUÇÃO

Ao pensarmos sobre trajetórias de vida, instintivamente pensaremos em memórias. As memórias nos constroem e descrevem, atingindo espaços não imaginados, opacos, que constituem nossas histórias e nos colocam no mundo. Através das memórias acessamos o nosso passado, compreendemos o nosso presente e trilhamos nosso futuro.

Quando nos propusemos a estudar sobre história de vida de mulheres negras idosas, considerávamos essencial pensar a partir de suas trajetórias de vida e memórias. Mulheres negras são atravessadas por um passado de lutas e resistências, com histórias e vidas marcadas por violências e esquecimentos. Trazer neste artigo as palavras dessas mulheres, as quais estão

---

<sup>1</sup> Graduada em Sociologia pela Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira e Mestranda do curso de sociologia da Universidade Estadual do Ceará, [danysylva2010@hotmail.com](mailto:danysylva2010@hotmail.com)



# SERNEGRA

XII SEMANA DE REFLEXÕES SOBRE NEGRITUDE, GÊNERO  
E RAÇA DOS INSTITUTOS FEDERAIS (SERNEGRA) &  
SEMINÁRIO DE EDUCAÇÃO DAS RELAÇÕES ÉTNICO-RACIAIS  
PARA A EDUCAÇÃO BÁSICA.

Inscritas na palma e na alma de cada uma, é ressignificar e honrar a história de negras e negros no Brasil.

Ao refletir sobre essas trajetórias e memórias, recorreremos aos escritos do sociólogo francês, Maurice Halbwachs, o qual retrata em sua obra *Memória Coletiva*: “mas nossas lembranças permanecem coletivas, e elas nos são lembradas pelos outros, mesmo que se trate de acontecimentos nos quais só nós estivemos envolvidos, e com objetos que só nós vimos. É porque, em realidade, nunca estamos sós” (Halbwachs, 1990, p. 26). Nessa direção, um indivíduo que traz à tona suas lembranças é sempre alguém inserido em um dado contexto social. A memória vem em duas direções: é construída de modo coletivo, mas igualmente é um trabalho subjetivo.

As narrativas de vida e memória trazidas aqui são assinadas por mulheres de cotidiano comum, que refletem sobre suas trajetórias e memórias. São produções de conhecimento, em princípio particulares, mas que também refletem aspectos compartilhados por outras mulheres que não possuem vínculos afetivos ou parentais em comum. É essa coparticipação que nos faz pensar sobre como as histórias de mulheres negras se cruzam, se encontram, se justapõem e se conectam mesmo quando não há uma ligação precisa entre as partes.

## **CAMINHOS METODOLÓGICOS DA PESQUISA**

Nesta seção buscarei trazer os caminhos metodológicos percorridos para o desenvolvimento da pesquisa, assim como as percepções despertadas no decorrer deste trajeto. De início, o objetivo inicial eram cinco colaboradoras, no entanto ao todo foram realizadas entrevistas em profundidade com quatro mulheres. Três residem na cidade de Maracanaú-CE, região da grande Fortaleza, e uma no interior do estado, Acarape-CE. Todas possuem idade superior a sessenta anos de idade. Inicialmente, falarei como se deu o contato com essas mulheres. É importante ressaltar que todas as colaboradoras possuíam vínculo direto ou indireto comigo, sendo que duas apresentam um grau de parentesco: minha avó paterna e minha tia mais velha por parte de mãe, sendo que esta assume o papel de matriarca após o falecimento de minha avó materna. As demais correspondem a um vínculo indireto, havendo um intermediário, pessoas que tinham proximidade com as mulheres, suas filhas ou sobrinhas, mediando o contato. Com aquelas que possuía uma relação mais próxima, o primeiro contato foi presencial; já com as demais os encontros aconteceram de maneira virtual, através do celular. Neste primeiro momento, foi apresentada brevemente a pesquisa e feito o convite para a participação,



# SERNEGRA

XII SEMANA DE REFLEXÕES SOBRE NEGRITUDE, GÊNERO  
E RAÇA DOS INSTITUTOS FEDERAIS (SERNEGRA) &  
SEMINÁRIO DE EDUCAÇÃO DAS RELAÇÕES ÉTNICO-RACIAIS  
PARA A EDUCAÇÃO BÁSICA.

havendo na sua maioria aceitação.

No decorrer do processo de busca por possíveis participantes, houve uma convidada que preliminarmente aceitou, no entanto, pediu para não mencionar questões ligadas ao envelhecimento e à raça, temas centrais desta pesquisa. Assim, tal participante declinou do convite. Apesar deste imprevisto, parti para o segundo momento, qual seja, a realização das entrevistas. Todas foram realizadas nas casas das participantes, em datas e horários distintos, combinados previamente, obedecendo todas as regras de proteção contra a COVID-19.

As entrevistas seguiam um roteiro de perguntas semiestruturadas com oito questões amplas, sendo distribuídas em dados pessoais, infância e adolescência, família, escola, vida adulta, trabalho, raça e velhice. Os diálogos foram gravados com a ajuda de um aparelho celular, uma vez que depois realizei a transcrição integral das falas. A cada entrevista, uma experiência diferente me era apresentada: a primeira entrevista se mostrou receptiva, no entanto percebi um sentimento de vergonha de sua parte: o seu olhar não costumava se encontrar com o meu, as respostas foram breves, mas não tão curtas. Notei que com o passar dos minutos que a timidez foi se perdendo e o conforto foi ficando mais visível. No fim, percebi que os sentimentos passados por ela se ligavam aos meus: foi minha primeira entrevistada, estava nervosa, cheia de expectativas e sem saber como seria aquele momento. Acredito que essa primeira interlocutora abriu as portas para mim: o nervosismo, a estranheza, me desconstruiu, reconstruiu e me preparou para as próximas mulheres que estavam à minha espera. A segunda também foi bastante receptiva, um pouco diferente da primeira. O seu sentimento era de entusiasmo, suas respostas foram espontâneas, mesmo depois de finalizar o roteiro que orientava as perguntas. A conversa ainda se estendeu por quase uma hora, regada dos mais diversos assuntos, me pediu até para fotografar, pois queria um registro do momento. Era uma senhora de alegria contagiante. A terceira, a mais velha, me remeteu o sentimento de partilha: ela queria falar, e falou. Com esta interlocutora não consegui seguir o questionário, no entanto isso não foi um impedimento. Mesmo após o fim da gravação, ela pediu para que religasse o gravador por mais quatro vezes, sempre acompanhada de *“isso pode ser importante para você”*. Também me mostrou seus álbuns de fotos e, assim como a anterior, me pediu para fotografar. Foi um diálogo extenso, diferente das outras não havia qualquer sinal de pressa. A quarta e última foi a que se mostrou mais ansiosa, tinha pressa para responder, suas respostas foram curtas, tinha medo de não saber o que falar, no entanto, também se mostrou receptiva para me receber e compartilhar comigo sua trajetória de vida.



# SERNEGRA

XII SEMANA DE REFLEXÕES SOBRE NEGRITUDE, GÊNERO  
E RAÇA DOS INSTITUTOS FEDERAIS (SERNEGRA) &  
SEMINÁRIO DE EDUCAÇÃO DAS RELAÇÕES ÉTNICO-RACIAIS  
PARA A EDUCAÇÃO BÁSICA.

Neste momento, buscarei compartilhar as percepções apreendidas no decorrer da pesquisa. Primeiro, gostaria de partir do momento em que comecei a buscar por possíveis mulheres que se encaixassem nos motes desta pesquisa. Logo encontrei dificuldade para achar mulheres negras na minha rede de contatos que se adequassem à faixa etária pensada (a partir dos sessenta e cinco anos de idade). Junto desta dificuldade, que pode ser em decorrência do viés geracional, sempre me vinha o questionamento das pessoas: “*Só pode ser negra?* ” Ou então “*Mais fulana é negra?* ”, “*Precisa ser negra, negra?* ”, “*Ela não é tão negra assim*”. Todas essas questões fizeram parte da minha busca pelas participantes, gerando as primeiras reflexões neste caminho, situações como essas me fizeram pensar sobre o imaginário social das pessoas sobre raça, indo de encontro aos conceitos que a academia me instrumentalizou. Nesta ocasião, me senti fora e dentro do real, pois começava a haver uma quebra com a “bolha” que me foi criada no decorrer da formação acadêmica.

O segundo ponto a ser destacado tem forte ligação com o primeiro. Quando estava no momento das entrevistas, ao perguntar como elas se autodeclaravam, a resposta era, invariavelmente, “*morena*”. Ao ouvir pela primeira vez, senti um estranhamento e até mesmo um certo desconforto, percebia também que ao falar negra o olhar era diferente. Tal é o peso que a palavra socialmente ainda remete às pessoas. Importante ressaltar o entendimento sobre como as questões raciais ecoam no imaginário da nossa sociedade. Ainda mais importante é entender os contextos das categorias operadas socialmente, as quais nem sempre coincidem com aquelas orquestradas pelo saber científico.

O terceiro aspecto era a curiosidade das próprias mulheres, sobre o porquê de a pesquisa ser somente com mulheres negras. Confesso ter ficado assustada ao ser indagada na primeira vez, era como se não soubesse responder, mas ao esboçar uma explicação algumas até citavam o preconceito como exemplo. Essa curiosidade das interlocutoras foi muito interessante, pois assim anuncio o quarto ponto, o qual denomino de ‘ansiedades’.

No decorrer das entrevistas todas se mostraram ansiosas sobre o que deveriam falar, sempre acompanhado do medo de não saber o que responder: “*me fale logo o que eu tenho que dizer*” ou “*será se vou saber falar*” eram interpelações recorrentes. Essas ansiedades me mostraram as ideias que elas tinham sobre aquele momento da entrevista, o que também caracterizo como as expectativas criadas: toda essa ansiedade ou medo do que falar e como falar, me fizeram pensar sobre as imagens que poderiam ter criado sobre mim, ou ainda do que



# SERNEGRA

XII SEMANA DE REFLEXÕES SOBRE NEGRITUDE, GÊNERO  
E RAÇA DOS INSTITUTOS FEDERAIS (SERNEGRA) &  
SEMINÁRIO DE EDUCAÇÃO DAS RELAÇÕES ÉTNICO-RACIAIS  
PARA A EDUCAÇÃO BÁSICA.

eu esperava ouvir, o que também me suscitou o querer delas de atender essas possíveis expectativas. No fim, sempre era surpreendida com “*não sei se ajudei com isso*”, “*foi simples*”, “*Pensei que fossem coisas difíceis*”.

Tais receios nos levam ao quinto ponto, sobre se sentir importante e ter a trajetória de vida valorizada através da escuta. No decorrer da realização das entrevistas, era notório o sentimento de se sentir reconhecida, da importância de contar suas trajetórias, muitas vezes lidas como banais, foi valioso para elas: os sorrisos, olhares, expressões, se ligavam a esse sentimento. O fato também de querer ouvi-las foi comentado em forma de agradecimentos. No fim, ouvir todas essas mulheres, experienciar esta vivência, refletir sobre cada ponto despertado no decorrer deste processo, me geraram transformações enquanto mulher preta, mas também enquanto pesquisadora.

Cabe pontuar que a pesquisa tem como inspiração os escritos de Bernard Lahire, em sua obra “*Retratos Sociológicos: Disposições e Variações Individuais*” (2004), a qual busca compreender o meio social a partir dos indivíduos, tendo em vista que esses são atravessados por práticas, comportamentos, formas de pensar, crenças e outros, sendo comum a todos; a isso Lahire denomina de “*disposições*”, enquanto o que chama de “*variações*” é a maneira que afeta cada um. Portanto, Lahire (2004) procura estabelecer uma relação com a singularidade de cada ser a partir das suas histórias de vida. O indivíduo, ao falar sobre si mesmo e sua trajetória, pode não perceber as interferências do todo em sua individualidade: “em um estado de diferenciação particularmente avançado, por paradoxo ou por artimanha do mundo social, temos a sensação de uma vida subjetiva não-social ou extra social. Nada é mais comum do que essa inverdade” (Lahire, 2004, p. 12), uma vez que “cada indivíduo é o ‘depositário’ de disposições de pensamento, sentimento e ação, que são produtos de suas experiências socializadoras múltiplas” (idem, p. X). Logo, buscaremos compreender a maneira que as disposições transpassam a trajetória de cada sujeito social na sua singularidade de vida.

## **TRAJETÓRIAS DE VIDA: NOTAS SOCIOLÓGICAS SOBRE ENVELHECIMENTO DE MULHERES NEGRAS “IDOSAS”**

Mulheres negras tiveram um passado marcado pelo período de escravização e que até hoje perpetuam no imaginário social:



# SERNEGRA

XII SEMANA DE REFLEXÕES SOBRE NEGRITUDE, GÊNERO  
E RAÇA DOS INSTITUTOS FEDERAIS (SERNEGRA) &  
SEMINÁRIO DE EDUCAÇÃO DAS RELAÇÕES ÉTNICO-RACIAIS  
PARA A EDUCAÇÃO BÁSICA.

O que poderia ser considerado como história ou reminiscências do período colonial permanece, entretanto, vivo no imaginário social e adquire novos contornos e funções em uma ordem social supostamente democrática, que mantém intactas as relações de gênero segundo a cor ou a raças instituídas no período da escravidão” (Carneiro, 2014, p. 1).

Diante deste fato, entendemos os diversos desafios e lutas que essas mulheres precisaram traçar no decorrer de suas vidas, desde a infância e o trabalho precoce, até a velhice e a conseqüente solidão. Foram lutas diárias e incansáveis sobre os racismos cotidianos, tal como nos é apresentado por Grada Kilomba em sua obra “Memórias da Plantação: episódios de racismo cotidiano” e expressada a partir dos relatos colhidos e compartilhados neste artigo. As trajetórias de vida aqui contadas são relatos de enfrentamentos de mulheres que foram esquecidas e oprimidas por uma lógica colonial, a qual é perpetuada até os dias de hoje. No entanto, buscamos compreender o movimento que essas mulheres fizeram e fazem até os dias atuais, mulheres negras movimentam e produzem mudanças significativas nas estruturas sociais, desde aquela que trabalhou como empregada doméstica e foi a base de uma família até a mãe de família, que se sacrificou e criou seus filhos proporcionando mudanças significativas nos seus trajetos de vida. São mulheres que, em seus cotidianos, compuseram histórias carregadas de saberes e insurgências.

Falar das memórias e trajetos dessas mulheres é valorizar a história de vida de pessoas ordinárias que tanto fizeram e fazem por nós, seu povo:

“Em todas as entrevistas sucessivas - no caso de histórias de vida de longa duração - em que a mesma pessoa volta várias vezes a um número restrito de acontecimentos (seja por sua própria iniciativa, seja provocada pelo entrevistador), esse fenômeno pode ser constatado até na entonação. A despeito de variações importantes, encontra-se um núcleo resistente, um fio condutor, uma espécie de *leit-motiv* em cada história de vida. Essas características de todas as histórias de vida sugerem que estas últimas devem ser consideradas como instrumentos de reconstrução da identidade, e não apenas como relato, factuais. Por definição reconstrução a posteriori, a história de vida ordena acontecimentos que balizaram uma existência” (Pollak, 1989, p. 11).

Mulheres negras, a partir de suas vidas, têm construído uma teoria social crítica que precisa ser evidenciada e textualizada:

“Teorias sociais produzidas por mulheres oriundas de grupos diversos não costumam surgir da atmosfera etérea de sua imaginação. Ao contrário, elas refletem o esforço dessas mulheres para lidar com experiências vividas em meio a opressões interseccionais de raça, classe, gênero, sexualidade, etnia, nação e religião” (Collins, 2019, p. 43).



# SERNEGRA

XII SEMANA DE REFLEXÕES SOBRE NEGRITUDE, GÊNERO  
E RAÇA DOS INSTITUTOS FEDERAIS (SERNEGRA) &  
SEMINÁRIO DE EDUCAÇÃO DAS RELAÇÕES ÉTNICO-RACIAIS  
PARA A EDUCAÇÃO BÁSICA.

Dessa forma, ao ouvir em profundidade essas mulheres, cujas histórias serão pontuadas a seguir, vê-se que todos os relatos se coadunam com estruturas de violência e/ou subjugação. O intuito desse trabalho é, também, fazer visível essas teorias em ação que brotam dessas mulheres. É reverter o apagamento por meio da inscrição de narrativas sobre a vida.

Ainda, cabe dizer que as discussões acerca do envelhecimento têm ganhado espaço na sociedade atual. O número de pessoas idosas tem crescido e assim se faz cada vez mais necessário entender os processos de envelhecimento e a própria velhice: “o fato dos velhos representarem uma parcela da população cada vez mais significativa do ponto de vista numérico, tem levado a preocupação da sociedade com o processo de envelhecimento que dá origem a uma série de práticas que visam a promover uma adaptação bem-sucedida a velhice” (Debert, 2016, p. 537). Sabemos que para além disso, a velhice também é um fato rodeado de questões que merecem ser percebidas, como o esquecimento e a solidão.

Diante disso, o processo de envelhecimento é pensado de modo interseccional. O envelhecimento de mulheres negras é analisado dentro deste universo: buscamos compreender de que forma essas mulheres sofreram o seu processo de envelhecimento, como também de que forma têm vivido o momento atual da vida. Para além desses questionamentos, também procuramos desfazer o debate que tem sido travado dentro dos estudos sobre envelhecimento, qual seja, a tentativa de homogeneização dos idosos:

“De fato, a velhice não pode ser interpretada pelas ciências sociais como uma categoria única, abstrata, desprovida de pressupostos econômicos, sociais e históricos. Nas sociedades contemporâneas convivem lado a lado as diversas velhices: A velhice dos pobres, dos ricos, das camadas médias, dos inválidos, dos que mantêm sua autonomia, do trabalho e a do lazer, a rural e a urbana, a excluída e a inserida na luta pelos direitos, a de homens e a das mulheres, dos asilados e dos chefes de domicílio, e assim por diante. Por isso, o ideal seria não se falar a respeito da velhice, mas sim a respeito das velhices” (Coutrim, 2010, p. 49).

Dá a necessidade de pensar os processos de envelhecimento/velhice a partir de uma perspectiva negra, pois o marcador racial é fator essencial para entendermos as diferenças vivenciadas por este grupo de mulheres e conseqüentemente seus cursos de vida.

## RESULTADOS E DISCUSSÃO



# SERNEGRA

XII SEMANA DE REFLEXÕES SOBRE NEGRITUDE, GÊNERO  
E RAÇA DOS INSTITUTOS FEDERAIS (SERNEGRA) &  
SEMINÁRIO DE EDUCAÇÃO DAS RELAÇÕES ÉTNICO-RACIAIS  
PARA A EDUCAÇÃO BÁSICA.

As mulheres que possibilitaram a presente pesquisa possuem idade a partir de sessenta anos. Todas se autodeclaram negras. Com isso, buscarei contextualizar sobre os processos de envelhecimento dessas mulheres e como essas têm vivido a velhice.

Um dos pontos a ser observado e que aparece em todas as narrativas é o trabalho. O trabalho foi um fator que as acompanhou desta a infância (algumas das entrevistadas ainda estão trabalhando) e, a partir das atividades desempenhadas, foi possível garantir a sobrevivência tanto individual como de seus familiares. Muitas relataram que assumiram desde cedo a responsabilidade de gerenciar vidas. Este ponto é crucial para entender como este fator as acompanhou até a velhice, bem como o significado que este assumiu na vida de cada uma. Pensando a partir de um recorte racial, mulheres negras sempre trabalharam, sem se importar com idade ou até mesmo possibilidades físicas, a estas não são dadas escolhas, parte de uma questão de sobrevivência (Carneiro, 2014) e para estas mulheres não foi diferente:

“...E aí adolescência foi trabalhar, com oito anos, e dessa adolescência, não me restou ter boneca, ter brinquedo, brinquedo era cabo de inchada, cabo de inchada! Para ajudar trabalhar, para ajudar a criar meus irmãos. A minha mãe teve dezenove filhos, esses dezenove filhos, a mais velha, que começou a trabalhar foi eu, depois foi outra irmã minha, a Hortênsia, aí ela trabalhava mais eu, e aí vem: semear arroz, plantar milho, plantar feijão, plantar arroz, plantar mandioca, raspar mandioca, lavar goma...” (Girassol, 2021)

Ao trabalho, alinhado com diversos sofrimentos, foram atribuídos sentimentos, como o cansaço, dificuldades e até saudade. Suas falas refletem cansaços físicos, daqueles que parecem ser sentidos com a lembrança que ressurgem a partir dos relatos. A saudade relatada por algumas das entrevistas, aparenta vir acompanhada da força que a mocidade tem, e ainda da importância que as outras pessoas assumiam em suas vidas, como os pais:

“...hoje! Você está nova ainda, quando chegar a certa idade, um dia, você vai se lembrar, quando a gente tem pai e mãe, como é que a gente vive, e os gostos que eles fazem a gente. Para você chegar numa circunstância, que as vezes você não tem nem com quem conversar. Eu ainda tenho um retrato de quando eu cheguei de viagem, eu ia daqui para lá, se eu apanhasse um ônibus aqui, aquele ônibus, correndo, para mim, parecia que não estava correndo, para eu chegar lá e ficar do lado deles. Até que um dia, eu cheguei lá, eles estavam assim: eles estavam batendo um retrato lá, um homem, aí fui bater um retrato dele, eu assim: descalço e ele descalço, acostado numa pedra, está de lembrança esse retrato ali...” (Girassol, 2021)





# SERNEGRA

XII SEMANA DE REFLEXÕES SOBRE NEGRITUDE, GÊNERO  
E RAÇA DOS INSTITUTOS FEDERAIS (SERNEGRA) &  
SEMINÁRIO DE EDUCAÇÃO DAS RELAÇÕES ÉTNICO-RACIAIS  
PARA A EDUCAÇÃO BÁSICA.

Diante do exposto, quando pensamos a saudade, é interessante como ela sempre está relacionada às lembranças do passado, às épocas da juventude, da saúde e da força. A isso, podemos pensar sobre as questões de esquecimento e solidão vividas na velhice: na juventude, todas se sentem alguém, aquela que pode contribuir; enquanto na velhice se vivencia o oposto, o preterido: “que é ser velho? Pergunta você. E responde: em nossa sociedade, ser velho é lutar para continuar sendo homem” (Bosi, 1979, p. 08). Tais questões fazem parte das opressões vivenciadas por nossos velhos e velhas: o processo de menosprezo se mostra como uma das mais violentas práticas sentidas por elas.

Pensar sobre estas questões é romper com o silenciamento de pessoas negras. Duplamente, mulheres negras sofrem os processos de esquecimento da velhice ligado a dois fatores, etário e racial (e, também, de classe): “É também um poema sobre resistência, sobre uma fome coletiva de ganhar voz, escrever e recuperar nossa história escondida” (Kilomba, 2019, p. 27). Portanto falar sobre o envelhecer dessas mulheres é realçar vidas esquecidas.

“Não, eu estudei no ginásio na minha época né? Também foi só até aí, depois eu casei, tive filhos e fui viver para família.” (Iris, 2021.)

“...eu trabalhei muitos anos de costura, mais em fábrica né? Trabalhei muitos anos de costureira, quando parei de costurar, quando parei de trabalhar, continuei trabalhando em casa, fazendo, confeccionando e vendendo, hoje eu trabalho para mim mesma.” (Iris, 2021)

Sobre o momento presente, suas falas se destinaram às questões de saúde e afeto. Mas cabe adiantar que apesar das questões relatadas acima, todas as entrevistadas referem que possuem uma boa velhice, pois - apesar das agruras - conseguiram traçar caminhos que lhes assegurou a sobrevivência.

“A minha saúde ela não é muito boa, mas também, graças a Deus, eu ando dentro de casa né? Ainda faço alguma coisa, só não posso fazer tudo né? Mas tem minhas filhas, elas fazem por mim, lavam roupa, faz tudo, tenho uma neta também, que me ajuda, que vivi comigo (*e para a senhora, o que tem sido mais significativo neste momento da vida?*) Como assim? (*Algo que a senhora acha muito importante, que ta vivendo neste momento?*) Eu acho muito importa, é... viver com os meus filhos, com as minhas netas, minha filha que mora na Redenção, mas ela sempre vem aqui me visitar, minhas netas também, sempre vêm me visitar, e o mais importante também, é eu estar, tá, tá bem né? Tô andando, está tudo bem, graças a Deus.” (Rosa, 2021)

Pensar sobre a trajetória dessas mulheres é passar por todos os momentos que constituíram seus processos de envelhecer, desde a infância até os dias de hoje, uma vez que



# SERNEGRA

XII SEMANA DE REFLEXÕES SOBRE NEGRITUDE, GÊNERO  
E RAÇA DOS INSTITUTOS FEDERAIS (SERNEGRA) &  
SEMINÁRIO DE EDUCAÇÃO DAS RELAÇÕES ÉTNICO-RACIAIS  
PARA A EDUCAÇÃO BÁSICA.

são pontos que se ligam: “por que temos que lutar pelos velhos? Porque são a fonte de onde jorra a essência da cultura, ponto onde o passado se conserva e o presente se prepara, pois, como escrevera Benjamin, só perde o sentido aquilo que no presente não é percebido como visado pelo passado” (Bosi, 1979, p. 08). Suas falas ao buscar retratar o passado, estavam sempre relacionadas ao presente.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

O movimento gerado por essas mulheres e nos expressados a partir de suas histórias de vida, nos mostra como mulheres negras tem produzido mudanças significativas nas estruturas sociais que nos cercam, a pesquisa também teve por objetivo ressaltar a importância de cada mulher negra na construção dessas mudanças, independente de espaço, tempo, idade ou classe social ao qual pertença, tais tem produzido a mais pura teoria social “Desenvolver o pensamento feminista negro como teoria social crítica implica incluir tanto as ideias de mulheres negras que não eram consideradas intelectuais – muitas das quais da classe trabalhadora” (Collins, 2019, p. 51) Isso ressalta a importância de mulheres que possuem cotidianos comuns.

Já a velhice, traz à tona diversas questões que merecem ser apontadas e refletidas na atualidade, é também, a busca por a quebra dos processos de esquecimento e invisibilidade sofrida neste estágio da vida, e ao fazermos um recorte interseccional, podemos visualizar de que maneira mulheres negras sofrem os processos de envelhecimento a partir de suas realidades e vivências próprias.

À medida que nos dedicamos ao estudo sobre trajetória de vida de mulheres negras e idosas, possibilitamos mergulhar em experiências de vida atravessadas por marcadores de gênero, raça e classe. As histórias de vida aqui nos contada, permitiu observar e compreender de que maneira os marcadores sociais agem sobre a vida de cada mulher e suas velhices. Entendemos que suas histórias possuem um passado histórico de opressão e silenciamento e que suas existências são marcadas por lutas diárias de resistência e revolução, com isso a pesquisa se dispõe a fazer parte dos enfrentamentos desencadeados por essas mulheres.



# SERNEGRA

XII SEMANA DE REFLEXÕES SOBRE NEGRITUDE, GÊNERO  
E RAÇA DOS INSTITUTOS FEDERAIS (SERNEGRA) &  
SEMINÁRIO DE EDUCAÇÃO DAS RELAÇÕES ÉTNICO-RACIAIS  
PARA A EDUCAÇÃO BÁSICA.

## REFERÊNCIAS

- BOSI, Ecléa. **Memória e sociedade: lembranças de velhos**. São Paulo, T.A. Queiroz, 1979.
- BOSI, Ecléa. **O Tempo Vivo da Memória: Ensaio de Psicologia Social** / Ecléa Bosi. - São Paulo: Ateliê Editorial, 2003.
- CARNEIRO, Sueli. **Enegrecer o Feminismo: A Situação da Mulher Negra na América Latina a Partir de Uma Perspectiva de Gênero**. Acessar em:  
<https://vulvarevolucao.com/2014/11/20/enegrecer-o-feminismo-a-situacao-damulher-negra-na-america-latina-a-partir-de-uma-perspectiva-de-genero/>
- COLLINS. Patrícia Hill. **Pensamento Feminista Negro: Conhecimento, consciência e a política de empoderamento**/ Patrícia Hill Collins; tradução Jamille Pinheiro Dias. - 1º ed. - São Paulo : Boitempo, 2019.
- COUTRIM, Rosa Maria da Exaltação. **A velhice invisível: o cotidiano de idosos que trabalham nas ruas de Belo Horizonte**. / Rosa Maria da Exaltação Coutrim. - São Paulo: Annablume, 2010.
- DEBERT, Guita Grin. **Envelhecimento e representações sobre a velhice**. Anais do VI Encontro de Estudos Populacionais. 2016.
- HALBWACHS, Maurice. **A Memória coletiva**. Trad. de Laurent Léon Schaffter. São Paulo, Vértice/Revista dos Tribunais, 1990. Tradução de: La mémoire collective.
- LAHIRE, Bernard. **Retratos Sociológicos: disposições e variações individuais**/ Bernard Lahire; Patrícia Chittoni Ramos Reuillard e Didier Martin. - Porto Alegre : Artmed, 2004.
- MINAYO, MCS., and COIMBRA JUNIOR, CEA., orgs. **Antropologia, saúde e envelhecimento** [online]. Rio de Janeiro: Editora FIOCRUZ, 2002. Antropologia & Saúde collection, 209 p. ISBN:978-85-7541-304-3. Available from SciELO Books <<http://books.scielo.org>>.
- POLLAK, Michael. **Memória, Esquecimento, Silêncio**. Estudos Históricos. Rio de Janeiro, Vol. 2. n. 3, 1989, p. 3 - 15.
- KILOMBA, Grada, 19668 - **Memórias da plantação -Episódios de racismo cotidianos** / Grada Kilomba ; tradução Jess Oliveira. - 1. ed. - Rio de Janeiro: Cobogó 2019